

A TRANSFIGURAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E SUAS NOVAS EXIGÊNCIAS COM A CHEGADA DA TECNOLOGIA: Uma Análise Histórica

Mayara Arguelho dos Santos

Graduanda em Direito,
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL

Laís Scarmelote Ishida

Graduanda em Direito,
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL

Larissa Satie Fuzishima Komuro

Mestre em Direito pelo Centro Universitário Toledo
Docente Voluntária da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as principais mudanças ocorridas no mercado de trabalho a partir do período fordista/taylorista até os dias atuais com a inserção da tecnologia e a globalização. Considerando que o modelo de produção industrial sofreu grande transformação e já não se baseia na ideia de elaboração de um produto todo montado por um único trabalhador e que o raciocínio de produção desejado no período fordista já não é suficiente na atualidade. A análise se dará em face do processo histórico do trabalho, visando verificar as principais mudanças durante esse período de modo comparativo entre passado e presente. Considerando tal fato, o intuito de desenvolvimento do trabalho é compreender os principais fatores de contribuição que fizeram o modelo atual, qual a forma de divisão do trabalho na atualidade e onde se encontram os trabalhadores do período fordista/taylorista. A metodologia empregada na pesquisa será bibliográfica e utilizará o método comparativo. Baseando – se na condição de que a mudança é algo constante e fundamental para a evolução nas mais diversas áreas, cabe a nós verificar se as transformações ocorridas no mercado de trabalho nos proporcionou melhores resultados em âmbito familiar, social e de saúde ou não, já que a sociedade contribui com essas mudanças. Precisamos conhecer as alterações impostas pelo mercado e aceitar ou lutar para muda – los.

PALAVRAS - CHAVE: mercado de trabalho; tecnologia; trabalhador; transformação.

1 INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho atual é o resultado de grandes transformações que foram geradas pouco a pouco conforme a introdução de um novo processo de trabalho e nova exigência de mão de obra e esforço do trabalhador. Tomando como ponto de partida o período fordista/taylorista não se faz necessário profunda pesquisa para aceitar que o trabalhador daquela época já não é suficiente para o labor fabril do momento presente.

Sendo assim, buscaremos compreender o mercado de trabalho e o

trabalhador atual pós-tecnologia e globalização mundial por meio do processo histórico e evolutivo do trabalho, fazendo um comparativo entre as fases de construção.

O trabalho unificado do período fordista onde todos os processos de construção do produto eram desenvolvidos por um único trabalhador já não foi mais suficiente com a chegada da fase taylorista, onde esse mesmo processo passou a ser fracionado. E essa exigência marcada neste trabalho por tal momento se seguiu a cada novo momento e cabe comparativo elucidativo.

O trabalhador assim como o mercado foi obrigado a mudar para não cair na estatística de quantitativo de desemprego surgido com os avanços cada vez mais exigentes do mercado. Atualmente, são diversos os setores de enquadramento dos trabalhadores resultando da amplitude do mercado inovador.

Considerando tais transformações buscaremos compreender de modo breve o mercado de trabalho atual e os fatores explicativos que contribuíram para a formação dos tipos de mão obra atuais.

2 AS TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO A PARTIR DO PERÍODO FORDISTA/TAYLORISTA

Visando compreender as principais transformações do mercado de trabalho com o advento tecnológico e a globalização, bem como as características exigidas do trabalhador de sucesso dessa época, analisaremos o processo evolutivo de exigências do mercado de trabalho desde o período fordista/taylorista até a introdução da tecnologia nesta área.

Na concepção taylorista objetivava – se um trabalhador que fosse racional, visando sempre o aumento da produtividade ainda que tal desempenho viesse a trazer danos à sua saúde física e psíquica. Para atrair este trabalhador característico, era feita análise de tarefas, seguido da seleção dos melhores para tal execução, e aperfeiçoamento do mesmo com treinamento (ROHM; LOPES, 2015, p. 335 apud MERLO; LAPIS, 2007, p. 63). Nesta forma de trabalho, além do dano a saúde do trabalhador o mesmo perderia ainda sua autonomia de trabalhista.

Segundo Antunes e Alves (2004, p. 344) o fordismo possibilitou a formação de uma sociedade racional, mas não no sentido capitalista deixando de lado as

variações psicológicas de cada trabalhador e visando a sua capacidade de comprometimento através de uma análise subjetiva do indivíduo, foi um processo de iniciação de mercado produtivo mais bem elaborado mais não tão voltado para a exploração de desenvolvimento cognitivo do trabalhador.

No período fordista o trabalho passou a ser fragmentado e hierarquizado. As atividades laborais eram subdivididas em funções e cada trabalhador era encaixado em cada uma das mesmas conforme a escala ou hierarquia. Assim como no período taylorista, a autonomia do trabalhador também era desconsiderada e além de tal fato, ainda, ignoravam a capacidade criativa de produção do funcionário (ROHM; LOPES, 2015, p. 335 apud ANTUNES, 1999, p. 16). O trabalhador deixou de executar as atividades de produção no todo e passou a execução em partes recebendo um salário calculado com base em sua capacidade produtiva que era medida conforme o entendimento capitalista almejado na época. Tal fato causou aumento no quantitativo de desempregados e contribuiu para a precarização do mercado de trabalho.

Diferente da fase taylorista o desenvolvimento fordista se dá com a racionalização interna da fábrica, através da racionalização ativa do trabalhador com sua capacidade de iniciativa e dedicação para o mesmo, além do desenvolvimento produtivo entre fábricas e não mais uma elaboração de produtos individual e restrita (Antunes; Alves, 2004, p. 345).

O toyotismo é o responsável pelo termino do fordismo introduzindo no mercado de trabalho as inovações tecnológicas que passaram a exigir um novo modelo produtivo completamente diferente do habitualmente realizado até então. O objeto principal deste modelo é a “qualidade total” que deve ser alcançada com a exploração e controle do trabalhador ao “limite extremo e maior desvalorização de seus direitos trabalhistas” (ROHM; LOPES, 2015, p. 335 apud ABRAMIDES; CABRAL, 2003).

Para Antunes e Alves (2004, p. 345) o toyotismo passa a exigir mais do que nunca do trabalhador, sendo um processo todo racionalizado que pode cobrar um engajamento estimulado através da manipulação do mercado. Visa – se a uma busca integral do subjetivo operário, trazendo esse indivíduo para o ganho financeiro da empresa, através de um empenho maior e mais globalizado entre todos os participantes da indústria. É através do toyotismo que ocorre a total transformação

do trabalhador e do trabalho em seu desenvolvimento subjetivo real e formal, exige – se a soma de ambos para a total evolução produtiva e esperada pela empresa.

Considerando tais fases, pode – se compreender que a cada período de reformulação e exigência do mercado de trabalho, aderente as mesmas veem em anexo várias transformações do trabalhador e da sociedade como um todo, já que estão interligados. Com as mudanças o ser humano sofre a pressão da adequação para alcançar o perfil esperado pelo mercado, onde também constará a desigualdade salarial, a desvalorização da mão de obra e o aumento do desemprego, entre outros. A constatação de tal fato se deu de modo mais acentuado através da crise vivenciada na década de 1980, onde inicialmente afetou – se a classe trabalhadora em sua forma material e objetiva, e posteriormente, de modo circunstancial chegou ao seu plano subjetivo (ROHM; LOPES, 2015, p. 335 apud ANTUNES, 1998).

Compreende – se através da análise histórica das vivências do mercado de trabalho que o trabalhador é que deve se adequar as novas exigências, sendo a sociedade obrigada a receber os resultados desse mercado que vive em constante transformação. Para complementar tal entendimento passaremos a análise das transformações de perfil do trabalhador pós toyotismo e com um mercado cada vez mais globalizado.

3 A TRANSFORMAÇÃO DA MÃO DE OBRA DO TRABALHADOR PÓS-TOYOTISMO

O período do toyotismo inovou completamente o objetivo de profissional fabril desejado em períodos anteriores, passou – se a ansiar trabalhadores que soubessem pensar e desenvolver conhecimentos e não apenas executar atividades mentais ou manuais. Surge à necessidade de inovação entre produção e gestão, visa – se pessoas que tenham agilidade e flexibilidade em lidar com incertezas e saibam se sobressair em um curto espaço de tempo (ROHM; LOPES, 2015, p. 339 apud FERRER, 1998).

O crescimento da rede toyotista passou a se fundamentar no processo de terceirização de serviços se destacando com a execução de atividades de maior priori, e por assim fazer passou também a exigir uma mão de obra mais forte através

da diversificação de funções (PINTO, 2012, p. 538). A partir deste momento o processo tecnológico começa a despontar na produção industrial e passa a cobrar um trabalhador cada vez mais inovador em sua forma de mão de obra bem diferente das exigências do passado.

Desde então, o mercado de trabalho passou a se reinventar conforme foram surgindo às necessidades das empresas de se manter no percurso produtivo. E assim, como o mercado, restou ao trabalhador acompanhar e se moldar as exigências de cada época para não cair no rol de desempregados que também crescia com as transformações.

Para Alves e Antunes (2004, p. 336) o trabalhador da indústria descendente do modelo fordista/taylorista acostumado com a indústria verticalizada, onde os trabalhos exigiam a execução manual e tradicional já não é mais suficiente para as necessidades de produção e vem sendo substituído por modelos completamente desregulados. Tal situação pode ser constatada através da entrada das máquinas informatizadas no processo de produção, as novas formas de produção desintegradas e flexíveis onde já não se ocupa apenas um único espaço para a produção, e a expansão do capital produtivo.

O trabalhador ao longo dos anos passou a se reinventar não só para atender as demandas do mercado fabril, mas também para lidar com a falta de ocupação e desvalorização do trabalho. Tal situação pode ser notada com o surgimento e expansão do trabalho autônomo, onde não encontrando uma vaga de emprego o trabalhador disponibiliza o seu serviço a quem precisa se tornando seu próprio empregador.

De maneira global, tem – se ocorrido um aumento no trabalho precarizado, de modo que tal fator se encontra distribuído nos mais variados modelos ou ramos de trabalho, contribuindo fortemente para o desaparecimento do modelo tradicional de mão de obra exigido em períodos anteriores.

A precarização do trabalho crescente inicialmente entre os imigrantes da região da Alemanha, Itália, EUA e Japão surgidas com a desestruturação do Welfare State, atualmente se expandem ainda de modo diferente, também para os países considerados subordinados como Brasil, México, Argentina, entre outros situados na América Latina que atualmente convivem com o desemprego e suas várias proximidades (ALVES; ANTUNES, 2004, p. 337).

Após tantas inovações e reinvenções do mercado de trabalho o trabalhador seguiu acompanhando de alguma forma e em alguma posição tais mudanças, situações estas que puderam ser brevemente consideradas até aqui, porém ainda nos cabe compreender a realidade destes fatos e suas classificações no período mais recente.

4 O MERCADO DE TRABALHO E A SITUAÇÃO DO TRABALHADOR COM A GLOBALIZAÇÃO

O mercado de trabalho passou por variadas transformações e não para de se renovar, conforme foi visto até então, o mercado de trabalho fabril era composto por mão de obra única e exclusivamente masculina, geralmente formada por trabalhadores de carreira do setor industrial e sem a presença de trabalhadores advindos de outros setores de serviço. Situação esta completamente desigual ao modo de mercado de trabalho atual, onde encontramos uma diversidade de pessoas (homens, mulheres, adolescentes e idosos) dispostas a trabalhar ou já atuando como tal, neste mundo economicamente globalizado.

O trabalhador da atualidade é formado por um conjunto de homens e mulheres que se concentram em sua maioria no grupo de assalariados. As mulheres passaram a ocupar boa parte do mercado ainda mais nos países em desenvolvimento, a maior área de exploração da mão de obra feminina está nos serviços precários, sem regulamentação e o chamado part-time (ALVES; ANTUNES, 2004, p. 337). Dependendo da área a ser analisada a mulher já se encontra em maior quantidade, liderando o mercado e deixando os homens bem abaixo.

No entanto, essa quantificação feminina de maioria não pode ser comemorada como algo bom, já que a ocupação das mesmas está em cargos que não são muito bem remunerados. Enquanto, as mulheres vencem em quantidade no mercado os homens lideram os serviços de qualidade, isto é, as atividades de maior remuneração são ocupadas pelos homens, ocorrendo desta forma uma inversão de papéis com relação ao pagamento salarial. Tal fato pode ser confirmado através de Alves e Antunes apud Hirata (2004, p. 338), onde afirmam que a atividade de remuneração elevada ou mais bem paga tem ficado a cargo de homens que recebem os melhores salários, enquanto os postos de menor qualificação, maior

intensidade e menor remuneração são destinados às mulheres, assim como também aos negros, indígenas, imigrantes entre outros, dependendo do local a ser analisado.

Assim como as mulheres, outro grupo que passou a empregar sua mão de obra é a classe dos assalariados médios que ocupavam cargos de remuneração mais elevada e que tiveram seus cargos extintos ou privatizados com as transformações organizacionais, políticas e tecnológica cada vez mais frequente e inovadora. Um exemplo de empregado que faz parte desta faixa é a do trabalhador bancário que sofreu a perda de seu emprego durante o período de privatização e reestruturação no ano de 1990 no Brasil (ALVES; ANTUNES, 2004, p. 338). Com a inserção destes trabalhadores, a classe se expandiu através da associação aos sindicatos e possibilitou um positivismo geral para toda a classe trabalhadora independente de ser ela classificada como baixa ou média.

Considerando que houve o crescimento dos grupos acima mencionados no mercado por outro lado tem crescido o grupo de pessoas que tem ficado cada vez mais fora do mesmo, e a sua composição é formada por jovens na faixa de entrada no mercado de trabalho e dos trabalhadores com média de idade a partir de 40 anos sendo considerados como idosos para serem empregados (ALVES; ANTUNES, 2004, p. 339). Os jovens por não conseguirem ingressar no mercado tão concorrido passam a perder a expectativa de bom emprego e se encaixam em serviços de maior precariedade e para fugir do desemprego. Já os considerados idosos uma vez demitidos não conseguem se reempregar novamente e se forem herdeiros do período fordista a busca é ainda mais rigorosa ou quase impossível, afinal o polivalente do período toyotista pode tomar sua vaga.

Apesar de excluir jovens dispostos e aptos para o trabalho, e homens experientes e com coragem suficiente para enfrentar as dificuldades impostas pelo mesmo, esse mercado contrata mão de obra infantil (ALVES; ANTUNES, 2004, p. 339), dispensa pessoas com características adequadas de trabalho e com necessidade do mesmo para se utilizar da mão de obra de alguém quem nem sabe exatamente o que é trabalhar.

Partindo dos pontos abordados pode - se perceber que a aquisição de um emprego nos dias atuais tem exigido muito mais do que se exigia nos períodos iniciais estudados, a concorrência está cada vez mais forte e a idade é fator de

limitação para a contratação, além é claro da miscigenação da mão de obra. Para compreender como a sociedade tem lidado com a falta de emprego passaremos a explorar os modelos de adequação do trabalhador para fugir do desemprego.

O mundo se transformou em todos os sentidos com a globalização e tomou caminhos completamente inusitados se comparado com o passado, sendo assim, o mercado de trabalho como link de acesso entre o mundo e a sociedade não ficou de fora e se inovou também.

Conforme Laranjeira (2000, p. 14) a realidade do mercado é assustadora e inquietante, tem – se encontrado uma miscigenação de situações entre as atividades trabalhistas, desde trabalhadores empregados que se desgastam física e psicologicamente na empresa sem o devido valor e reconhecimento da mesma, visando sempre o seu lucro sobre o funcionário. Sendo que estes em razão de tal desgaste têm passado a apresentar sintomas de insegurança e incerteza cada vez mais frequente e conhecida como “síndrome dos sobreviventes”. Além desta situação há ainda a grande falta de emprego geradora do trabalho temporário e informal que se expande nas mais diversificadas áreas conforme a habilidade do desempregado.

Enquanto, os empregados zelam para manter o seu emprego os desempregados tem buscado refúgio em atividades desenvolvidas para que o indivíduo não fique sem nada para fazer estando sempre ocupando a cabeça. Antunes e Alves (2004, p. 339) chamam essa atividade de “Terceiro Setor” sendo uma alternativa de ocupação onde os trabalhos são realizados de maneira comunitária e/ou voluntária, sempre buscando assistência a quem foi rejeitado pelo mercado.

O desenvolvimento deste apoio social engloba as mais variadas atividades e não visa lucro seu principal objetivo de funcionalidade se dá em trazer o quantitativo de desempregados que o encolhimento do mercado produtivo gera, para que possa de alguma forma está em movimento nestes postos considerados como associações.

Outra forma de ocupação que surgiu foi a do trabalho em domicílio, onde as pessoas na busca por se manter após o desemprego passaram a prestar serviços, considerando que há a necessidade de um processo de mercado para determinadas atividades. Quem não montou seu próprio negócio em casa passou a prestar serviço

em outras, como o caso de quem desempenha atividades domésticas, ambas as práticas se expandiram de tal maneira e alcançaram os mais variados locais mundo a fora (Antunes; Alves, 2004, p. 340). Geralmente essas atividades são exercidas por mulheres em sua maioria, o crescimento e desenvolvimento de tal foram possíveis através da inovação tecnológica que ampliou o poder de comunicação via satélite e consequentemente a teleinformática.

O processo industrial atual está completamente globalizado e a confirmação se dá quando surge algum tipo de problema entre os grupos envolvidos no processo assim como enuncia Antunes e Alves (2004, p. 341) a grande repercussão causada pela greve dos funcionários de uma unidade estratégica da General Motors em meados de Junho de 1998. Essa paralisação afetou diversos países que recebiam peças e acessórios para a montagem de carros vindos desta unidade, considerando a não reposição do material todos os demais postos dependentes tiveram que parar também já que não tinham como continuar sua produção.

A produção de um carro, por exemplo, é feita da seguinte divisão, a montagem é feita em determinado local, parte das peças vem de outro ponto e as peças do motor de outro, enfim, já não se produz tudo em um único local. Por isso, dizemos que o mercado está globalizado estamos interligados uns aos outros através da tecnologia e a sua necessidade para o processo produtivo.

A estrutura do mercado de trabalho atual está globalizada conforme pode – se notar se transformou e vem se transformando e inovando cada vez mais conforme a tecnologia vai avançando e se renovando, com isso os trabalhadores também vão acompanhando a globalização que por vezes pode tirar o seu emprego, mas que também pode lhe realocar no mercado em uma atividade não existente anteriormente.

5 O TRABALHO NA ATUALIDADE

A realidade do trabalhador neste momento é bem mais ampla, não se baseia mais apenas em mão de obra masculina, não exige apenas trabalhos manuais e muito menos produção concentrada de produto e de trabalho. São muitas as variações na produção de capital, as empresas mudaram sua forma e meios de produção, os trabalhadores tiveram que se renovar para ser aceito pelas mesmas,

além de muitos outros pontos de movimentação social que foram incorporados ao mesmo e merecem serem analisados.

A primeira mudança se dá com o grupo de assalariados que atualmente se forma com a participação de homens e mulheres que labutam nas mais diversas funções, em variadas subdivisões que não mais se restringem e muito menos se concentram dispondo da venda do seu trabalho. Podem ser encontrados no trabalho coletivo ou no social, sendo este formado por trabalhadores que estão à margem do mercado e que não conseguem ser empregados, mas que continuam movimentando a sociedade com as atividades desenvolvidas através das ONGs e outros que organizam e mantem este tipo de movimentação, aquele se dá com o proletariado industrial que é o ponto central e responsável pelo movimento fabril (Antunes; Alves, 2004, p. 342).

Outra área crescente está na prestação de serviço para as indústrias onde o produto é todo desenvolvido em casa, pelos trabalhadores em garagens ou cantinhos quaisquer de suas casas, seria uma deslocação do ambiente industrial para a casa do funcionário fabril. Que produzem em determinado prazo e encaminha essa produção a empresa para ser utilizado ou repassado.

Há também o grupo dos trabalhadores rurais que movimentam a economia com sua mão de obra produtiva da agropecuária e da agroindústria que é movida pela venda de trabalho onde englobam os assalariados, mas também dedica parte para os trabalhadores temporários ou part-time como também são chamados (Antunes; Alves, 2004, p. 342). Soma – se a este grupo o trabalho precarizado, pormenorizado, que em nada favorece o trabalhador e também os desempregados, que estão em constante crescente dependendo da retração do mercado e do andamento do capital.

Para Nascimento apud Ferreira (2006) a globalização do mercado de trabalho é vista através da troca da mão de obra por máquinas, onde muitos trabalhadores podem ser substituídos por uma única máquina que realiza a mesma atividade em tempo reduzido e poupa muita mão de obra, a competição entre empresas que passou a ser mais acentuado já que estamos mais próximos uns dos outros por meio da tecnologia e divisão de produção, possibilitando indústrias de variados locais dividam mercado em um mesmo local, além da capacidade de produção que pode ser realizada em outro local, restando apenas sua montagem.

No entanto, segundo Alves apud Guiraldelli (2014, p.109) a reestruturação global do mercado se dá com o trabalho e movimentação financeira sem barreiras, de modo interligado entre os mais variados países, inclui as inovações tecnológicas como robótica, microeletrônica, satélite, entre outros, além de programas de gestão que visam a maior qualidade do trabalho. Visa ainda o capital através da sua descentralização e o seu inverso nos casos cabíveis de modo a trabalhar todo o espaço territorial de produção, através do auxílio de programas de engenharia e as manobras de terceirização do mercado de trabalho.

Através de toda essa programação e investimento as empresas controlam seu capital e conseguem obter visão de área ou unidade de produção a ser desenvolvidas e equipadas, bem como também podem agir no sentido contrário, desfazendo uma área não produtiva e terceirizando essa atividade, tudo a depender do estudo realizado no local e das suas condições para o mercado.

Sendo esse processo frutuoso para a empresa e seus beneficiários, por outro lado considerando esse crescimento global, tecnológico e terceirizado, onde o acúmulo de renda é consequente e viável, temos as consequências nada frutuosas e até mesmo trágicas. Nesse quesito ocorrem os desempregos que trazem consigo dentre outras consequências o crescimento da criminalidade, desordem familiar e social, aumento de impostos e até um desfazimento de famílias (REINERT, 2001).

Assim como todo processo a globalização possibilita um conjunto de benefícios ainda que desiguais para os envolvidos, mas por outro lado amplia as consequências ruins conforme as situações já citadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o trabalhador passou por grandes transformações para se adequar a cada período de implantação do trabalho, sendo uma adequação desgastante do físico e intelectual, ainda assim, os problemas de falta de emprego permanecem e se desenvolvem cada vez mais. Conforme as indústrias geradoras de mão de obra e capital se expandem, retraem ou se inovam, o trabalhador e a sociedade sentem de um modo há um quantitativo a ser analisado.

Fazendo um comparativo entre o período fordista/taylorista até os dias atuais se faz notável que a globalização possibilitou muita inovação para melhor, mas na

mesma proporção trouxe um grande quantitativo de desemprego que a sociedade realocou de alguma forma nos projetos de acolhimento, onde estão entre outros os herdeiros do nosso ponto de partida.

Houve a inserção das mulheres no mercado que se encontra em sua grande maioria nos trabalhos precarizados, de baixa remuneração ou em serviços domésticos. Juntamente com esse grupo segue o emprego da mão de obra infantil em contrário ao emprego de jovens em fase de ingresso no mercado de trabalho.

No entanto, com base em tais fatos expostos e descritos não nos cabe fazer nenhuma classificação a respeito do processo histórico do mercado de trabalho e do trabalhador com o advento da globalização, mas compreender as consequências da inovação e utilizá-la da melhor forma possível.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações do mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação Social*, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, Ago. 2004.

FERREIRA, C. C. B. A Globalização e as Relações de Trabalho. In: *O Papel do Estado nas Novas Relações de Trabalho Surgidas a Partir da Globalização e do Avanço Tecnológico*. Marília, p. 62-73, 2006.

GUIRALDELLI, R. Trabalho, Trabalhadores e questão social na sociabilidade capitalista. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 17, n. 01, p. 101-115.

HOHN, R. H. D.; LOPES, N. F. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. *Cadernos Ebabe.Br*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 02, p. 332-345, Jun. 2015.

LARANJEIRA, S. M. G.; As Transformações do Trabalho num Mundo Globalizado. *Sociologias*. Porto Alegre, v. 02, n. 04, p. 14-19, Dez. 2000.

PINTO, G. A.; O toyotismo e a mercantilização do trabalho na indústria automotiva do Brasil. *Caderno CRH*, Salvador, v. 25, n. 66, p. 535-552, Dez. 2012.

REINERT, J. N. Desemprego: causas, consequências e possíveis soluções. *Revista de Ciências da Administração*. Florianópolis, v. 03, n. 05, p. 45-48, Mar. 2001.